

Favelados invadem até

Cidade

12/4/88, TERÇA-FEIRA • 13

área ao lado do cemitério

José Paulo

A paz no cemitério Campo da Esperança está ameaçada. Favelados furam a cerca para buscar água, crianças brincam sobre os túmulos e até um deficiente mental faz as necessidades sobre a tumba de dona "R".

Os favelados e suas crianças moram em dezenas de barracos e casebres numa área da Terracap ao lado do cemitério, entre a cerca e o colégio Objetivo, na Asa Sul, estendendo seus domínios até a estreita faixa que separa o lugar do parque Rogério Pithon Faria. São cerca de 60 famílias, muitas ainda não cadastrada pela Secretaria de Serviço Social — do contingente de 104 mil invasores de terras existentes no Plano Piloto, conforme levantamento do Governo do Distrito Federal.

Sem instalações sanitárias nem água, as famílias que moram a cinco metros do cemitério estão em conflito permanente com a segurança do Campo da Esperança.

Segundo o funcionário Bartolomeu, da administração, "temos problemas há mais de um ano. Eles (os favelados) furam a cerca. É que ninguém pode viver sem água, aí eles nos atacam. Mas nós não podemos deixar, porque a conta de água vai de Cz\$ 800 mil a Cz\$ 1 milhão por mês. Não podemos dar água de graça para eles".

Bartolomeu explicou que há apenas seis seguranças para vigiar o cemitério, que tem forma circular e raio de um quilômetro. De 5 a 10 sepultamentos ocorrem por dia no local, público, funcionando das 7 às 18h00. "Há pessoas 'malinas', (más) que às vezes fazem roubo de bronzes e imagens sacras, mas isto é coisa sem valor. Roubam só pelo prazer de roubar, não podemos fazer nada. Nos casos de loucos, se notamos que fazem algumas coisa, ou a segurança retira ou chamamos a polícia."

Há cinco barracas com cerca de 60 pessoas a cinco metros do cemitério, sob pés de graviola. Estão 500 metros ao lado direito da portaria. A cerca tem cinco grandes remendos, feitos pela segurança e toda a borda superior está danificada, demonstrando que por ali se pode entrar e sair.

Numa barraca de plástico preto, ontem à tarde, dona Jandira Alves da Silva, 37 anos, 10 filhos, contou como é a luta pela água: "Vim com a família de São Francisco, Minas, há quase um ano. Não tenho para onde ir. Precisamos de água. No cemitério tem bastante. A gente tinha uma mangueira, que puxava de lá (do cemitério), mas eles desligaram. Algumas pessoas resolveram furar a cerca, mas não fui eu".

Todos os 10 filhos de dona Jandira moram ali. A mais velha tem 17 anos e ela carrega no colo um menino de 6 meses, nascido na in-

vasão.

Ela divide a barraca com dona Maria Durães, mineira de Bonfinópolis: "Vim tratar de um filho 'passados das idéias', quando ele se curar, vou voltar para casa". O filho está internado num sanatório que dona Maria não soube dizer onde era, nem qual o médico que o trata.

As duas explicaram que usam como sanitário um matagal próximo do parque Rogério Faria. A cozinha é na barraca mesmo, o fogão, à lenha, é um bloco de tijolos com uma grelha. As crianças bebem água armazenada em latões de tinta. A roupa lavada, seca na cerca do cemitério.

Para as famílias é impossível controlar a brincadeira das crianças. Algumas delas apontaram as tumbas da Quadra 112 e da 113 como suas preferidas para brincar. Especialmente uma, toda em ladrilho negro, onde está o corpo de J.F.V.; nascido em 10.12.1910 e morto em 2.5.71, conforme a lápide.

Sandoval Silva, lavrador mineiro que veio fugindo da seca disse que vai ficar no acampamento "até que me arrumem um lugar para ir. Só saio daqui se for para morar do outro lado (isto é, no cemitério mesmo)". Ele disse também que, quando pode, evita que seus filhos de 7, 4 e 3 anos brinquem por lá.

As crianças não ligam para histórias, acostumadas com a proximidade das sepulturas. A sério, Sandoval diz que só tem medo dos vivos.

Detetive

Um homem falando coisas desconexas e contando uma história fantástica estava sentado sobre o túmulo de dona R. na tarde de quinta-feira. Vagava por ali, fazia suas necessidades fisiológicas e tomava banho nas torneiras instaladas no cemitério.

Dizendo-se detetive particular com clientes na Venezuela, Colômbia e Rússia ("não gosto dos Estados Unidos, sou socialista"), o cidadão se apresentou como Washington Hauffer Liekhafchu Bryzki (como fez questão de soletrar).

— Adoro a paz deste lugar (estava a 20 metros do Largo dos Pioneiros, local onde ficam sepultados os fundadores de Brasília). Lá fora só há guerras.

Em algumas quadras do cemitério a aparência é de completo abandono.

De dezenas de túmulos foram arrancados adornos, na maioria de metal. Um policial que estava lá na tarde de quinta-feira disse que "este é um caso comum de furto em todos os cemitérios do país. Rouba-se o metal para revenda aos depósitos de ferro-velho. Aqui não podia ser diferente, infelizmente".